

## Destaque

CELEBRAÇÃO DO 43º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

# Juventudes partidárias em debate na Sede Nacional

FOTOS RAFAEL VICENTE



A ADFA celebrou a Revolução do 25 de Abril com um “debate aberto com os representantes das Juventudes Partidárias das formações políticas com assento parlamentar” na tarde de 19 de abril, na Sede Nacional – Auditório Jorge Maurício, em Lisboa.

Os representantes dos jovens do Partido Social Democrata (PSD), do Partido Socialista (PS), do Bloco de Esquerda (BE), do Centro Democrático Social/Partido Popular (CDS/PP) e do Partido Comunista Português (PCP) foram convidados a participar neste encontro sobre a Revolução dos Cravos na Sede da ADFA.

Nesta sessão de debate bastante participada, estiveram vários convidados: Alberto Coelho, director-geral de Recursos da Defesa Nacional, Pedro Roque, deputado e representante da Comissão Parlamentar de Defesa Nacional, Humberto Santos e marina Van Zeller, presidente e vice-presidente do Conselho Diretivo do INR, Rodrigo Sousa e Castro, da Associação 25 de Abril, Carlos Beato, da Fundação Montepio, e representantes da Associação Nacional de Sargentos, da Liga dos Combatentes, da Apoiar, entre outros convidados.

Falaram à audiência Pedro Brilhante, da Juventude Social Democrata (JSD), Maria Begonha, da Juventude Socialista (JS), João Rodrigues, dos Jovens do Bloco de Esquerda (JBE), e Francisco Rodrigues dos Santos, da Juventude Popular (JP). O representante da juventude comunista, apesar de ter confirmado a sua participação, não pode estar presente na sessão. Na mesa de honra estiveram ainda o presidente da DN, José Arruda, o associado fundador António Calvino e o militar de Abril, coronel Rodrigo de Sousa e Castro.

António Calvino falou da génese da ADFA, no âmbito da própria Revolução do 25 de Abril, e realçou “a importância de ousar como os capitães de Abril”, saudando os membros das juventudes partidárias presentes. Para o associado, a ADFA, no seu todo humano, foi ela própria um “capitão de Abril”. Finalizou fazendo uma homenagem a Marques Júnior, que foi saudada com uma salva de palmas da assistência.

José Arruda salientou a história da ADFA e o esforço dos seus fundadores, que trabalharam e que dialogaram com o Conselho de Revolução, com as instituições e com os partidos. Afirmou que “hoje ainda não está resolvida a Guerra Colonial, pois ainda há homens doentes que precisam da competência e empenho dos políticos”. O presidente da DN disse que a ADFA tem que continuar a lutar por todos os deficientes militares e pelos seus direitos, pois “somos a força justa das vítimas de uma guerra injusta”. O coronel Sousa e Castro congratulou-se por, em Democracia e Liberdade, poder dar testemunho no debate com as juventudes partidárias, no seio da ADFA, lembrando a Guerra Colonial e as muitas dificuldades no terreno, sentidas pelos militares que nela combateram e que acabaram por construir Abril. Os jovens representantes dos partidos com assento parlamentar saudaram a iniciativa da ADFA e salientaram que, “como juventude que não viveu o período anterior à Revolução de Abril, podemos assim aprender para decidir em consciência”, aludindo às missões futuras que aguardam os jovens da sua geração. Agradeceram aos associados “a importância do seu contributo para que possamos viver em liberdade e democracia” e nas várias referências aos presentes e aos capitães de Abril, sublinharam que “não há maior representação da generosidade inter-geracional do que o vosso exemplo”.

Ficou bem patente que, para as juventudes partidárias, Abril permite celebrar as diferenças, seja de opinião ou de forma de estar, e que não é um fim mas um permanente início: para perceber que há que tomar a iniciativa, ousar e “mudar o que é necessário mudar”.

A problemática do Serviço Militar Obrigatório foi também abordada, salientando-se a situação internacional atual e a forma como Portugal desenvolveu o fim desse serviço. O tema está na ordem do dia.

Para as juventudes partidárias, “esta é uma das melhores formas de celebrar Abril, em diálogo, em partilha de experiências, que permitam às novas gerações conhecerem o que foi a Guerra



Colonial e a Revolução do 25 de Abril. “Estamos conscientes da nossa responsabilidade nesta matéria”, foi salientado. Foi focado, tanto pelos oradores convidados, como pelos intervenientes da assistência, o importante papel das mulheres que também sentiram a Guerra Colonial, que também fizeram Abril e que defendem a Democracia.

No debate ficou vincado que Abril impõe a defesa da Cidadania, o combate à exclusão e a promoção da participação cívica e política.

Congratulando-se com as conquistas de Abril, os jovens saudaram os associados da ADFA, como “memória viva” que pode e deve ser transmitida.

Durante o debate também houve momentos para citar Zeca Afonso e Salgueiro Maia.

O presidente da MAGN, Joaquim Póvoas, e o associado e antigo presidente da ADFA, Humberto Sertório, também entrevistaram, mais tarde, durante o debate. “Para a ADFA, comemorar Abril representa não só a Revolução dos Cravos

que restituiu a Portugal a Liberdade e Democracia, mas, emocionalmente relevante, o fim da Guerra Colonial que durante 13 longos anos consumiu o melhor da juventude portuguesa das décadas de 60 e 70 do século passado, com consequências dramáticas nos cerca de 10 mil militares que tomaram no campo da honra e nas vidas desfeitas de cerca de 25 mil militares que desta guerra “inútil e evitável”, regressaram magoados, mutilados e doentes”, afirmou o presidente da ADFA, José Arruda.

“A ADFA tem profunda consciência que o sacrifício imposto à juventude portuguesa de 1961 a 1974 na Guerra Colonial, constitui, também, atualmente, uma “razão forte” para caldear com as novas gerações representadas, nomeadamente pelas juventudes partidárias, as experiências, frustrações e expectativas da sociedade portuguesa que assenta hoje os seus valores na Liberdade, Democracia e Justiça Social, que o 25 de Abril devolveu a Portugal”.